

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO ENSINO REMOTO: dificuldades e possibilidades

Josilene da Silva Augusto¹

Anamaria da Silva Santana²

Eixo temático 10: Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectiva.

Resumo: Esse texto apresenta o relato de uma experiência realizada com alunos do primeiro ano do ensino fundamental I da rede municipal do município de Corumbá-MS. A realização de tal experiência foi um desafio para se trabalhar com o ensino remoto em tempos de pandemia. O trabalho foi realizado com o auxílio de plataformas digitais e envolveu 15 alunos em fase de alfabetização. Pode-se afirmar que o resultado das atividades desenvolvidas demonstrou, que, apesar das enormes dificuldades enfrentadas pelos professores e professoras, existe a possibilidade de se realizar um trabalho lúdico, voltado para a alfabetização e o letramento, com resultados na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. O referencial utilizado para a análise dos dados foram os estudos de Magda Soares (2000, 2010, 2020), Emília Ferreiro e Ana Teberoski (2007).

Palavras-chaves: Letramento, alfabetização, ensino remoto.

Introdução

O presente texto tem como objetivo apresentar um relato de experiência desenvolvida com crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental I da rede municipal de educação de Corumbá-MS. A partir desse relato, pretende-se discutir o processo de alfabetização e letramento em tempos de pandemia e os desafios encontrados pelos professores para trabalhar com o ensino remoto.

O processo de alfabetização que já era bastante desafiador, ganhou proporções ainda maiores com a chegada do novo Corona vírus. Esse cenário da educação vem se desenhando desde 2020 e é reflexo do impacto que a pandemia do novo Corona vírus (Sars-Cov-2) tem

¹Formada em Pedagogia pela UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal- Corumbá (2003). Mestre em Educação pela UFMS, Campo Grande- MS, (2011). Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Corumbá, MS. E-mail: josileneaugusto2016@gmail.com.

² Professora aposentada da UFMS: Mestrado e Doutorado pela Faculdade de Educação da UNICAMP. E-Mail: anamariaufms@gmail.com.

atingido a esfera global. Com a velocidade da contaminação pelo vírus, medidas de distanciamento, isolamento social e quarentena, ocorreram mundialmente e se fez necessário a paralisação das aulas presenciais e a implantação de modelos de ensino a distância. Essa alternativa foi essencial para que os estudantes não ficassem sem aulas e o ano letivo não fosse totalmente prejudicado.

Entretanto, tanto os professores quanto os alunos tiveram que lidar com novos desafios para manter a qualidade do ensino e, em alguns casos, conciliar os problemas já existentes no ensino público com os recentes problemas criados pelo ensino remoto; as dificuldades são enormes, mas algumas possibilidades foram sendo implementadas.

Sendo assim, a experiência que será relatada nesse texto, originou-se do anseio em tornar significativo e prazeroso o processo de alfabetização e letramento nesse contexto desafiador do ensino remoto emergencial. A ideia era que as crianças pudessem participar das atividades de uma forma lúdica.

Diante disso, foram pensadas formas para desenvolver o trabalho voltado para a alfabetização e o letramento, utilizando de meios digitais, tais como: plataforma do WhatsApp e Google Meet. As dificuldades enfrentadas pelas famílias e pelas crianças foram muitas: as falhas da conexão com a internet, a falta de dispositivo próprio, os limites do acesso à internet (poucos dados) entre outros. Ou seja, é preciso destacar que o ensino remoto desvelou a desigualdade tecnológica que existe no país que é decorrente da desigualdade social.

No entanto, a despeito desses problemas, o trabalho desenvolvido nessa experiência tentou demonstrar as possibilidades de um trabalho comprometido com a qualidade da educação.

Num primeiro momento, destaca-se a concepção teórica que fundamentou o trabalho, ou seja, entende-se que a alfabetização e o letramento são processos concomitantes, que caminham juntos e preferivelmente, não podem ficar dissociados; os sujeitos desse processo são seres sociais e curiosos, que vivem em um mundo letrado e acabam desenvolvendo o anseio por se inserirem plenamente nesse mundo que lhes cerca. E assim, os educadores devem proporcionar para esses sujeitos, meios para que atinjam esse objetivo, proporcionando vivências em que possam realizar tentativas de leitura e escrita.

Mas, como desenvolver uma prática pedagógica que garanta tudo isso, nesse formato de aula remota?

2 Alfabetização e letramento: processos simultâneos

O conceito de alfabetização sempre gerou discussões ao longo do tempo; foi

entendida a princípio como ensino-aprendizagem do sistema alfabético de escrita, ou seja, na leitura a

capacidade de decodificar os sinais gráficos transformando-os em sons, e na escrita, a capacidade de decodificar os sons da fala e transformá-los em sinais gráficos.

Com a contribuição das pesquisas realizadas por Magda Soares (2020), Emília Ferreira e Ana Teberoski (2007), o conceito de alfabetização ganha outro significado. Segundo as autoras acima citadas, a escrita não se reduz ao domínio e a correspondência entre grafema (letra/codificação) e fonemas (sons/codificação), mas, se apresenta como um processo ativo, por meio do qual os alunos constroem e desconstroem suas hipóteses, procurando compreender como a língua escrita funciona, quais são os mecanismos e as regras desse 'sistema de representação da fala'.

Ao se desenvolver a leitura e a escrita, entendendo-as como um processo cognitivo, possibilita-se a construção efetiva de princípios organizadores que, não apenas podem ser derivados da experiência externa, como também são contrários a ela; são contrários, inclusive, ao ensino escolar sistemático e às informações não sistemáticas. (FERREIRO, 2011).

Nessa perspectiva, Soares (2010, p.13), acrescenta:

A alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de "compreensão/expressão de significados do código escrito".

Nessa compreensão, o termo alfabetização, foi aos poucos sendo entendido como um domínio de conhecimento que permite o uso de várias habilidades que ultrapassam as barreiras e os métodos escolares no qual o sujeito está inserido.

Soares (2000) destaca:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2000, p.39-40)

Assim, para se tornar um indivíduo letrado, é preciso que ele saiba aplicar as habilidades e conhecimentos do letramento nas situações do cotidiano, nas necessidades do dia a dia, pois 'letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita,

em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais'. (SOARES, 2000, p.72)

Além disso, é preciso destacar que o processo de letramento acontece mesmo antes das crianças serem submetidas a um processo sistemático de alfabetização, ou seja, as pessoas convivem, desde muito cedo, com determinadas situações de convívio com o mundo da escrita, com a leitura e com a escrita que contribuem para o seu processo de letramento.

Ferreiro e Teberosky, ao pesquisarem a psicogênese da língua escrita, revelam a maneira pela qual a criança e o adulto constroem seu sistema interpretativo para compreender esse objeto social complexo que é a escrita. Mesmo quando ainda não escrevem ou lêem da forma convencionalmente aceita como correta, já estão percorrendo um processo que os coloca mais próximos ou mais distantes da formalização da leitura e da escrita (LIRA, 2006, p. 44).

Esses sujeitos, independentemente da classe social, percorrem os caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis estruturais de pensamento. Esses níveis foram intitulados por Emília Ferreiro (1999) de nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético.

Nesse processo, o indivíduo vai elaborando hipóteses sobre o processo de escrita e leitura, vai criando mecanismos para entender o código do sistema gráfico, vai se aproximando do mundo letrado através de estratégias criadas e testadas. Segundo as pesquisas de Ferreiro e Teberosky, isso pode ocorrer no ambiente escolar ou fora deles.

A experiência que será descrita a seguir foi realizada seguindo essa concepção teórica de alfabetização e letramento.

3 Descrição da experiência

Essa experiência foi realizada na escola municipal Dr Cássio Leite de Barros,³ com a turma do 1º ano do ensino fundamental I, que tem 22 alunos. Do total das crianças matriculadas, 15 alunos participaram, sendo que 5 possuíam *Wi-Fi* em casa e 10 crianças utilizaram dados móveis 4 G; 7 alunos não participaram porque não tinham acesso à internet.

O primeiro passo para a execução da proposta foi a realização de uma busca ativa nos contatos dos responsáveis pelas crianças matriculadas. A lista que a escola disponibilizou estava desatualizada; foi uma tarefa árdua conseguir o número correto do telefone de cada responsável e ligar um a um para criar um grupo no WhatsApp. O ano letivo iniciou-se no dia

³ Escola Municipal do município de Corumbá-MS. Escola situada na região periférica, atende alunos da Educação Infantil ao Fundamental II.

22 de fevereiro de 2021 e a lista completa dos contatos somente foi conseguida na segunda quinzena de março.

O segundo passo foi estabelecer o contato, via chamada de vídeo pelo WhatsApp, com as crianças e seus responsáveis. Essa chamada foi feita de forma individual. Foi preparado um cenário lúdico, um de pano de fundo com livros, personagens dos livros (bonecos), banner com letras e numerais. Essa foi a primeira troca entre a professora e os alunos; o encontro iniciava-se com a apresentação entre a crianças e a professora; depois, havia uma contação de história e a professora fazia a sondagem dos conhecimentos prévios de cada criança.

Foi uma experiência muito interessante: alguns alunos choraram, outros não quiseram olhar para a câmera do celular, uns ficaram tímidos e outros conseguiram interagir muito bem.

Nesse primeiro contato virtual, o objetivo principal foi fazer o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, de forma individual. Partindo do princípio de que as crianças já têm um contato com o mundo letrado e com o objetivo de ajudá-los a avançar na aquisição do sistema alfabético, foram realizadas atividades de sondagem da escrita a fim de avaliar em qual nível cada uma delas se encontrava. Essa sondagem foi fundamental para a organização das atividades posteriores. (Conforme mostram as figuras 1 e 2).



Figuras 1 e 2 - apresentações individual e sondagem.

O tempo dessas ligações variou entre 3 minutos a 15 minutos, o que dependeu muito da forma de interação de cada criança, alguns se envolveram mais, outros menos; alguns fizeram perguntas, respondiam as questões com mais ou menos entusiasmos. Assim que a chamada de vídeo era desligada, alguns responsáveis ligavam pedindo desculpas, porque o filho (a) não interagiu bem ou dizendo que o filho (a) gostou muito e estava ansioso (a) para a próxima aula.

Esse contato um a um foi um processo demorado; levou um mês, para que se pudesse conhecer os 15 alunos. As chamadas de vídeo pelo WhatsApp eram marcadas com os responsáveis antecipadamente, mas aconteceram alguns imprevistos: dados móveis

insuficientes, que é a realidade da maioria, esquecimento do horário, celular que descarregava durante a chamada, internet que oscilava e/ou caía, inclusive a da professora.

Depois desses primeiros contatos, os outros foram feitos de forma coletiva, via chamada de vídeo pelo *Whats App* e posteriormente, na plataforma do Google Meet.

Para que essas chamadas acontecessem foram enviadas previamente as seguintes orientações:

- 1º entrar na sala virtual pontualmente;
- 2º desligar o microfone e só ligar quando solicitado pela professora;
- 3º deixar na mão uma toalha pequena ou uma camiseta
- 4º ter em mãos, um caderno, lápis e borracha.
- 5º escolher um lugar da casa silencioso, sem movimentos de pessoas.
- 6º trazer o seu melhor sorriso.

A atividade, via chamada de vídeo pelo WhatsApp, iniciou-se com a apresentação da música 'Lavadeira' (domínio público); houve uma primeira audição da música completa; em seguida foi apresentada a coreografia utilizando tecidos e, posteriormente, as crianças acompanharam a professora cantando e fazendo a coreografia. (Conforme figura 3 e 4).



Figuras 3 e 4 – Coreografia da música 'Lavadeira', utilizando tecidos.

No final da atividade, foi solicitado que cada criança fizesse um desenho sobre a música, sobre o que cada um tinha entendido da música. Foi dado uma semana de prazo para a execução dessa tarefa.

O segundo encontro foi realizado pelo *Google Meet*, o que possibilitou uma melhor participação. (Conforme figuras 5 e 6)

Na data combinada, a aula iniciou-se com a música e a coreografia que foram aprendidas no encontro anterior. Em seguida, cada aluno (a) apresentou o seu desenho e falou sobre o mesmo, descrevendo o que mais tinha chamado a atenção na música e na coreografia.

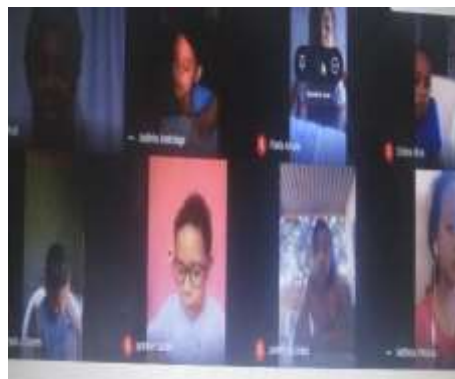


Figura 5 e 6- primeira aula com a maioria dos alunos

Os desenhos foram muitos expressivos e superaram as expectativas da professora. Um aluno desenhou o cenário da música e acrescentou mais um elemento. Ao apresentar explicou: “professora, desenhei a lua porque para o sol nascer, a lua precisa ir embora” (figura 7). Em outro desenho, a aluna colocou uma máquina de lavar, mesmo desenhando a bacia com as roupas e o rio. (figura 6 e 8).



Figura 7 – desenho do Murilo



Figura 8 – desenho da Rafaelly

No início de cada aula, a música era colocada para que as crianças ouvissem e realizassem a coreografia.

Posteriormente, foi solicitado que cada aluno falasse quais palavras da música mais chamou a atenção e depois deveriam tentar escrevê-las. Por várias vezes, foi reforçada a orientação de que os responsáveis não deveriam interferir no processo, não deveriam ajudar e nem fazer as atividades pelas crianças. (Figuras 9 e 10).

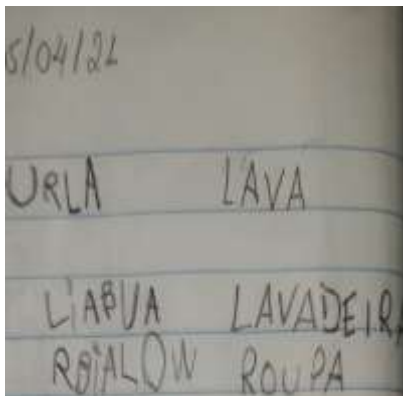


Figura 9 -escrita do Murilo

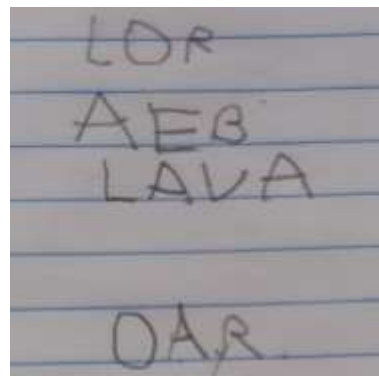


Figura 10- escrita da Rafaelly

Através desta atividade, foi possível constatar que os alunos se encontravam no nível pré-silábico. Destaca-se que nos desenhos da figura 10, houve interferência na escrita da palavra 'lava'.

Segundo Soares (2020), nessa a fase os alunos ainda não compreenderam que a escrita representa os sons da fala e “escrevem” com rabiscos, garatujas, em seguida com letras, mas sem relação com os sons da fala.

4 Resultados e discussão

A atividade acima descrita proporcionou a oportunidade para que as crianças brincassem com a oralidade, explorassem os movimentos do tecido, trabalhassem movimentos com o corpo, cantassem, enfim, se expressassem de diversas formas. Vale destacar que a letra da música contém rimas, o que incitou o desenvolvimento da consciência fonológica.

Consideramos que foi uma atividade com função social, onde os alunos puderam participar de forma mais significativa, o que os levou a pensar sobre as linguagens que usamos para nos expressar de várias formas, inclusive a escrita.

Como aponta Soares (2000), o ato de ler e escrever precisa fazer sentido para os alunos, o aprendizado da leitura e da escrita deve estar relacionado com a sua vida e o seu cotidiano. Dessa forma, o aluno pensa criticamente, estabelecendo relações com o aprendizado, as leituras feitas e as suas vivências.

Além disso, a atividade explorou também o caráter lúdico de cantar e de 'brincar com o tecido', o que pode ser considerado uma forma de estimular a aprendizagem e de manter a atenção e o interesse dos alunos.

Pode-se considerar que a atividade acima descrita teve como resultados:

1. Os alunos puderam compreender que a escrita é uma das formas de expressão do

ser humano;

2. A professora pode avaliar os conhecimentos prévios dos alunos;
3. Os alunos puderam expressar suas opiniões e tomar decisões para avançarem em seus conhecimentos sobre a leitura e escrita.

5 Considerações finais

O presente artigo pretendeu apresentar uma experiência realizada com alunos do primeiro ano do ensino fundamental que estão no início do processo de alfabetização formal. A atividade realizada partiu do conceito de alfabetização e letramento como um processo simultâneo, um processo que não envolve somente o ato de ensinar um indivíduo a ler e escrever, mas, também, implica a ação de fazer com que esse indivíduo use essas habilidades para entender e interagir com as situações do mundo ao seu redor.

O objetivo inicial de tal atividade foi proporcionar uma situação onde a professora pudesse sondar os conhecimentos prévios dos alunos no que se refere à aprendizagem da escrita-alfabética, ou seja, conhecer o nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico já alcançado pelos alunos e partindo dele, orientá-los para que avancem em direção ao nível que já tem possibilidade de alcançar.

Além disso, a atividade conseguiu despertar nas crianças o interesse para a aprendizagem dos códigos escritos, ou seja, da leitura e da escrita.

Após a execução da atividade relatada nesse artigo, pode-se perceber avanços no campo do letramento e alfabetização das crianças envolvidas na experiência; no início a maioria dos alunos estavam pré-silábicos. Atualmente, muitos avançaram e se encontram no nível alfabético, e alguns já estão aprimorando seus conhecimentos ortográficos. Embora existam muitas diferenças nos avanços, pouquíssimos alunos permaneceram no nível em que estavam no início das aulas remotas.

Mesmo com esses resultados, não podemos esquecer das dificuldades que a pandemia impôs para todo o sistema educacional brasileiro. A interrupção do processo de escolarização no Brasil é a mais longa de todos os países e é um fenômeno inédito na história do país. As desigualdades sociais aumentaram durante esse período, o que afeta diretamente os alunos da escola pública, sendo que muitos não estão acompanhando as atividades do ensino remoto. Por isso, tal experiência relatada apresenta-se como uma possibilidade, mas as autoras têm consciência das enormes dificuldades que se colocaram para a educação, para os professores e professoras, para as famílias nesse momento tão triste do nosso país.

Finalmente, é preciso destacar que o modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas

habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais. Conduzir o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, mais do que uma decisão individual, é uma opção política, uma vez que estamos inseridos num contexto social e cultural em que aprender a ler e escrever é mais do que o simples domínio de uma tecnologia. São muitos os desafios a serem enfrentados no atual contexto.

Referências

- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana: **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Editora Artimed, 2008.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SOARES, Magda. **Letramento. Um tema em três gêneros**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escreve**. São Paulo: Contexto, 2020.